

# Bombista do Scala tem nome e está preso

Texto de Areosa Pena

Fotos de Naita Ussene e arquivo



Eram 20.15 horas daquela quarta-feira, dia 25 de Junho de 1978. Sentado na esplanada do «Continental», levei a chávena à boca e sorvia um golo, quando fui atirado com cadeira e tudo, contra a parede atrás de mim, derramando o café a escaldar sobre o peito. Um tremendo clarão simultâneo com um estrondo violentíssimo e um forte sopro acabavam de rebentar com parte da fachada do «Café Scala», na minha frente. Após um curto silêncio, que me pareceu longo, rasgaram o ar, que cheirava intensamente a cordite, gritos e gemidos aflitos. Pessoas com o rosto e os membros ensanguentados sal-

tavam espavoridas, através das montras do Scala para o passeio. Cruzei a rua a correr, para as ajudar e ia pensando: «Foi uma bomba... foi uma bomba! Quem é o responsável? Onde está o bandido?»

Obtive a resposta a estas perguntas, há poucos dias atrás, quando vi entrar numa sala de reuniões do SNASP, Ministério da Segurança, um homem magro, seco, de cabeça rapada, seguido de outros dois, todos jovens. Sentaram-se numa mesa, à frente dos meus colegas da Informação moçambicana e de mim. Havíamos sido convidados para os ouvir falar.

E eles falaram.

O mais magro e único de cabeça rapada sentou-se ao meio dos outros dois. Era o chefe. Chamava-se Amaro, por alcunha «Bebé».

À sua direita, José Timane, encarregado de uma missão bombista para assassinar o Presidente Robert Mugabe; à sua esquerda, Ernesto Mavue, também conhecido por Brown, treinado para vir espionar em Moçambique.

Tínhamos sido informados, momentos antes, do que eles eram e do que haviam feito. Postos ao corrente das suas actividades terroristas, foi-nos explicado que podíamos fazer as perguntas que entendêssemos.

Depois fizeram-nos entrar. E naquele momento, nós, ao olharmos para eles, demorámos longo tempo, antes de encontrar a primeira pergunta. Enquanto fitava Amaro,

o chefe, veio-me à memória aquela noite de há 28 meses atrás, quando mulheres feridas gritavam desesperadamente, enquanto eram enfiadas em carros que partiam à desfilada para o Banco de Socorros. Houvera cerca de meia centena de feridos. Quatro deles em estado muito grave. Os vidros do Café Scala, do cinema Scala, do estabelecimento bancário em frente estilhaçaram-se com a violência da deflagração. Quem estava sentado na esplanada também foi catapultado alguns passos. A maioria dos ferimentos, verificou-se depois, foi motivada pelos estilhaços dos vidros. O homem que transmitira a ordem, para a bomba ser transportada para o Maputo e aqui deflagrada, estava ali na nossa frente, entre dois antigos subordinados.

E então a primeira pergunta aconteceu.

## RÁPIDA TRAJECTÓRIA ASCENDENTE

«— Qual o seu nome completo?»

— «Chamo-me Amaro Tavares da Silva».

— «Qual é a sua nacionalidade?»

— Sou moçambicano.

— «Que profissão exercia o sr. Amaro?»

— «Fui professor da Escola Secundária de Lhanguene e tenho a especialidade de soldador».

— «Pode explicar-nos como, porquê, deixou de ser professor. E o que fez, depois de ter saído ilegalmente da República Popular de Moçambique.»

Amaro contou-nos uma história, duas histórias, três histórias, todas diferentes um pouco. Apesar deste seu esforço em eximir-se a responsabilidades, foi possível, ao fim de três horas, delinear-mos o caminho que percorreu,

Interior do Scala, depois da explosão. Não há um vidro inteiro

